

A INDÚSTRIA NA REGIÃO DE PRESIDENTE PRUDENTE, BRASIL¹

Paulo Fernando Jurado da Silva
Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito
UNESP, Presidente Prudente, Brasil
Endereços eletrônicos: pfjurado@uol.com.br
essposito@gmail.com

1 A questão industrial na Décima Região Administrativa de Presidente Prudente-SP: primeiras palavras

O presente trabalho tem por objetivo contribuir para a discussão geográfica do setor secundário nas cidades pequenas da Décima Região Administrativa de Presidente Prudente. Para tanto, o recorte espacial proposto abrange cinquenta e dois municípios, além de estabelecer outras escalas de reflexão da rede urbana na questão industrial, como é o caso de ressaltar as articulações promovidas entre estes pequenos centros e Presidente Prudente.

Portanto, antes de tudo, faz-se necessário elucidar que a urbanização da sociedade comporta mais de um enfoque e de uma dimensão de tratamento. Com isso, entende-se que este trabalho tende para a compreensão da inserção estrutural da pequena cidade no quadro bastante complexo da urbanização na atualidade. Por isso, cabe destacar que a escolha desta dimensão espacial não implica na exclusão/inclusão das demais realidades, visto que, a análise do espaço não se faz descolada da dimensão da concretude e do plano das relações entre os diversos centros de um estado, país, região etc.

Tal escolha decorreu pelo fato de que o estudo das cidades pequenas não têm sido o alvo principal dos trabalhos acadêmicos, como já ponderaram Santos (1979), Fresca (1990 e 2001) e Côrrea (1999) e, conseqüentemente, a necessidade de se analisar estes espaços, pois os mesmos também possuem grau de complexidade frente ao fato urbano, mesmo que a sua magnitude econômica e, muitas vezes, a intensidade do grau de urbanização, seja diferenciada daqueles encontrados em cidades mais expressivas como as metrópoles, grandes e médias cidades.

Com base nessas informações, cumpre assinalar que as relações econômicas que se processam no território das cidades pequenas no Oeste Paulista fazem parte da própria história que a região mantém ao longo do tempo e, conseqüentemente, é a dinâmica da sociedade que acaba por imprimir o ritmo de transformação geográfica das paisagens e dos lugares. Logo, justificar a relevância deste trabalho é atentar, sobretudo, para a dinâmica territorial no interior paulista, o que faz com que esse artigo ganhe sentido frente à produção histórica e geográfica da indústria no contexto das transformações espaciais recentes.

Como afirmou Andrade (1995), a todo momento o espaço vem sendo transformado, incorporando novos sentidos e sendo (re)significado pelo avanço da técnica e da ciência, e com o desenrolar do tempo:

Os contrastes entre o campo e a cidade vêm desaparecendo, de vez que, com as facilidades de transportes e de comunicação, o campo penetra cada vez mais a cidade e a cidade cada vez mais o campo.

¹ Texto oriundo de pesquisa apoiada pela FAPESP (Fundação de amparo à pesquisa do estado de São Paulo) no período 2006-2009 e desenvolvida no Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais.

Pode-se afirmar que há um processo de ruralidade urbana e, em contrapartida, um de urbanização do rural. (ANDRADE, 1995, p. 9)

Esse autor ainda continua reiterando mais adiante que não é difícil que o urbano esteja cada vez mais presente no rural, pois, o avanço das tecnologias (como a telecomunicação e a eletrificação) tem levado o modelo urbano ao campo. Na região de Presidente Prudente, isso também não é diferente, pois se comercializa da melhor semente modificada geneticamente que será implantada na lavoura mecanizada, até mesmo se faz leilão do sêmen do boi que durante toda sua vida viveu em laboratórios (rodeado por equipes técnicas de desenvolvimento genético com vistas ao ganho e ao aprimoramento da carne).

O tempo, que rege tais mudanças, não poderia ser outro, senão, o tempo mecânico da indústria, isto é, da cidade que se contrapõe, em certo sentido, com o tempo da natureza, do rural. O que se quer salientar com isso, é que todo esse arranjo de modificações nas relações sociais e econômicas foi possível pela acumulação de capitais locais – na sua maioria – de empreendedores que passaram a investir suas economias na indústria e, conseqüentemente, agiram no sentido de transformar o espaço, as relações econômicas e políticas. Todo esse processo está ligado a outras esferas, e mais pertinentemente à própria construção econômica, histórica e social que o Brasil vivencia nos últimos anos, uma vez que:

A agropecuária e a agroindústria do interior paulista atendem as demandas dos novos hábitos alimentares impostos pela urbanização, a necessidade de gerar divisas para sustentar as importações nacionais, os ganhos qualitativos e quantitativos para competir no mercado externo e a versatilidade para produzir em escala uma fonte de energia capaz de substituir, competir e/ou baratear os combustíveis fósseis, amenizando as possibilidades de um novo choque do petróleo como na crise do petróleo dos anos 1970. (ROSALINO, 2007, p. 31).

Nesse arranjo de articulações entre o espaço local, nacional e internacional emergem novas disputas entre os espaços e/ou complementaridades entre os lugares, o que envolve, em certa medida, o papel dos agentes sociais que dominam o território. Dessa combinação, surgem, outrossim, os territórios que são produzidos pelas indústrias e nasce a esfera de influência e de dominação de determinadas empresas. O resultado desse cenário tem sido entendido por Rosalino (2007) – por exemplo – como o principal vetor para que haja um número expressivo de empresas de micro e pequeno porte na região, uma vez que:

Essas empresas são constituídas pelo capital local empregando mão-de-obra de baixa qualificação, oferecendo baixas remunerações e, em sua maioria atendem com serviços ou mercadorias básicas o mercado consumidor que as circundam. (ROSALINO, 2007, p.142)

Com isso, o número de estabelecimentos industriais nas cidades que compõem a 10ª Região Administrativa em muitas cidades é expressivo. Isso decorre dos investimentos – na maioria das vezes – de agentes sociais locais que passam a produzir também para o mercado regional. Municípios como Dracena, Presidente Epitácio e Presidente Prudente guardam em sua configuração industrial tais especificidades e corroboram para o sentido de confirmação dessas argumentações.

Entende-se, por sua vez, que as pequenas cidades ao se colocarem no arranjo da disputa capitalista tendem a possuir dificuldades na ordem de estruturação dos papéis que desempenham na divisão territorial do trabalho. Entretanto, não deixa de ser relevante que se

possa compreender melhor o espaço de relação dessas cidades, já que essa idéia não se explica *per si*, mas pelo plano de suas articulações, como será mais bem exposto no item subsequente.

2 Contribuição para a análise atual do setor secundário: dinâmica do emprego e caracterização subsetorial

No setor industrial² da Décima Região Administrativa de Presidente Prudente há destaque para os subsetores alimentícios, bebidas e álcool etílico (12,1% do total do setor industrial), seguido pelos demais subsetores como o têxtil, vestuário e artefatos de tecido; minerais não metálicos e o subsetor de couros, peles e similares.

Em termos de geração de empregos, ou seja, em relação ao índice de crescimento médio anual de empregos formais o setor industrial apresenta alta de aproximadamente 12,5%, sendo o setor da economia que mais têm crescido nos últimos anos na região. No âmbito do setor industrial, os subsetores que mais têm apresentado, recentemente, dados positivos é o setor de couro com 36,7%, seguido pelo segmento de produtos alimentícios (17%) e pelo setor têxtil/vestuário com 12,8% de crescimento.

O setor alimentício, sem sombra de dúvidas, é o mais dinâmico em torno da oferta de empregos à população da região com 16240 empregados ocupados formalmente, acompanhado de longe pelos subsetores de vestuário, couro e de minerais não metálicos.

Já o subsetor industrial que mais se retraiu no período apresentado foi o de minerais não metálicos com -11,5% em decorrência principalmente da submersão de jazidas minerais, represamento e formação do Lago Paraná face às demandas do setor energético, bem como pela ampliação da fiscalização e das normas para exploração desses recursos. Logo também seguem os subsetores da indústria de calçados – com perdas no grau de crescimento médio de empregos em torno de -6,5 em detrimento da concorrência dos sapatos chineses e da reestruturação de algumas dessas empresas – e, em seguida, o subsetor de madeira e mobiliário.

A indústria, entre os demais setores da economia, é um dos segmentos que mais emprega na região, só perdendo para o setor de serviços que detém 42,4% do total, com relevância para o subsetor da administração pública, direta e autárquica com 17%. Os setores que acompanham a indústria (que possui 23,8% do total), são respectivamente comércio (22,1%) e a agropecuária, extração vegetal, caça e pesca com 8,8% da concentração de postos de trabalho formais.

Em 2005³, o total de empregos em todos os setores girava em torno de 134409 postos de trabalho, por exemplo. De 1990 a 2005, foi gerado positivamente um total de 40710 empregos na região, superando o montante da cifra populacional de Adamantina. A evolução dos empregos tem oscilado na série histórica de 1990-2005 na região; no entanto, dá para se notar que o período que se inicia em 1990 e segue até 1994 é demarcado pela estagnação do número do crescimento de empregos. Isso decorre, em partes, pela crise do país em face de

² Os dados que seguirão essa afirmação nos próximos quatro parágrafos foram extraídos a partir da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) e disponibilizados no *site* <<http://www.emprego.sp.gov.br>>. Acesso jan. 2008. O mesmo tem como referência o ano de 2005 e quando se analisa as taxas de crescimento ou de decréscimo na geração de empregos e/ou criação de novas empresas, leva-se em conta o período de 2000 a 2005.

³ Dados extraídos a partir da plataforma do Ministério do Trabalho e Emprego, por meio do *software* SGT Séries Históricas, com base nos dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), levando-se em conta todos os setores da economia. Os quatro parágrafos que seguem essa afirmação se utilizam igualmente desta referência.

sua vinculação neoliberal e aos sucessivos ajustes da economia nos países dependentes, mas, também numa outra dimensão por conta dos acordos firmados com os organismos internacionais de crédito como o FMI (Fundo Monetário Internacional).

Com a estabilização da moeda, os investimentos no setor industrial ganham mais fôlego e o resultado desse processo é maior segurança econômica, seguido por taxas relevantes de investimento e queda da inflação. Foi a partir de 1994 que os indicadores de emprego na região começam a se elevar, mas mantendo ainda oscilações. Nos idos de 1997-2000 o emprego permanece estável, tendo uma leve alta, mas foi a partir de 2001 que atingiu crescimento acentuado, se colocando em patamares nunca antes observados na região.

Nesse caso, ressalta-se a política do governo Lula em promover a sustentabilidade da política monetária do país e o crescimento interno, apoiado em altas taxas de consumo do mercado doméstico e na oferta de crédito aos trabalhadores e em especial à construção civil. Só para se ter uma idéia, de 2000-2005 a região contou com um incremento de aproximadamente 31657 empregos formais, sendo que desta fatia a indústria também teve sua contribuição importante.

Presidente Prudente assim como Dracena, Panorama, Adamantina, Presidente Epitácio e Rancharia são as cidades com maior concentração em termos de estabelecimentos industriais e se relacionar este dado junto aos eixos rodoviários da região, observar-se-á que a principal articulação em termos espaciais/econômicos se dará em torno da área duplicada da Rodovia Raposo Tavares abrangendo principalmente os municípios do entorno de Presidente Prudente, bem como pontualmente pelo eixo da Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros, isto é, de Dracena a Panorama (no eixo oeste) e de Adamantina a Osvaldo Cruz (eixo leste).

As cidades pequenas apresentam, dessa forma, uma dinâmica diferenciada daquela encontrada em Presidente Prudente tanto em termos de concentração industrial quanto no âmbito do número de empregos distribuídos pelos grandes setores, setores e subsetores da economia.

Quando se desagrega esses dados numa classificação diferenciada e com maior grau de detalhamento como a Classificação Nacional de Atividade Econômica (CNAE, IBGE) para o período de 2005, constata-se que a produção de álcool é a atividade do setor industrial que mais emprega na região num total de 4605 postos de trabalho. Tal fato se deve enfaticamente à posição industrial de dois municípios em particular, ou seja, Junqueirópolis que emprega 1375 funcionários nesse segmento e Teodoro Sampaio com 1014 empregos formais. Observa-se que isso ocorre em função de duas empresas sucroalcooleiras instaladas em Junqueirópolis (Rio Vermelho e Usina Alta Paulista) e da empresa sucroalcooleira do Grupo Odebrecht em Teodoro Sampaio (conhecida anteriormente como Destilaria Alcídia e que fora comprada recentemente por essa grande corporação brasileira).

Depois da produção do álcool - nesse mesmo modelo classificatório da CNAE - tem-se como atividade mais importante - em termos de contribuição à dinâmica do emprego - o abate e preparação de produtos de carne e de pescado, com destaque para os municípios de Presidente Epitácio (1867 empregos) e Presidente Prudente (830 empregos). Só a Prefeitura Municipal de Presidente Epitácio arrecadou em 2005 com o Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) cerca de R\$ 96.193,87, contando com a presença do Frigorífico JBS/SA que se dedica ao abate e beneficiamento da carne bovina, bem como com a empresa Ribieri Ingredientes Alimentícios que se dedica à produção de gelatinas, sendo de capital externo⁴.

Dessa maneira, quando comparado o PIB (Produto Interno Bruto) ao fluxo médio diário de veículos e a variável industrial, observa-se a formação de determinados eixos de expansão do crescimento econômico para a variável industrial pelas principais cidades da região. Isso se dá com expressividade em torno dos municípios que são banhados pelo Rio

⁴ Conforme informações prestadas pela prefeitura municipal.

Paraná (Panorama, Presidente Epitácio e Rosana); com aquelas cidades ligadas pelo eixo duplicado da rodovia Raposo Tavares (Presidente Prudente, Pirapozinho, Regente Feijó, Álvares Machado e Santo Anastácio), e na Nova Alta Paulista com os municípios do entorno de Dracena (Tupi Paulista e Junqueirópolis) e de Adamantina (Flórida Paulista, Lucélia e Osvaldo Cruz).

Essa constatação auxilia a entender quais são as principais áreas de crescimento econômico regional e que a mesma apresenta potencialidades para serem exploradas ainda. Há um setor da cana bem consolidado em Junqueirópolis e Teodoro Sampaio; uma indústria alimentícia diversificada – particularmente em Dracena e Pirapozinho – indústrias de vestuário distribuídas espacialmente em vários municípios da região; estabelecimentos industriais ligados à exploração de minerais não metálicos que chegam a comercializar cotas de carbono no mercado internacional - particularmente naqueles municípios banhados pelo Rio Paraná, como é o caso da Cerâmica Luara em Panorama em recente acordo internacional - e um segmento de abate e beneficiamento bovino pujante nos municípios de Presidente Epitácio e Presidente Prudente.

Todavia, há também áreas carentes de infra-estrutura e de maiores investimentos industriais. Cidades essas com pouca expressividade econômica, que se mantêm, em grande parte, por conta do Fundo de Participação Municipal e se configuram como verdadeiros reservatórios de mão-de-obra barata como é o caso de Flora Rica, Nova Guataporanga, Santa Mercedes, etc. Municípios esses que se beneficiam diretamente da indústria da cana e da geração de empregos nesse setor, ou melhor: são os núcleos de absorção de trabalhadores com baixa qualificação, baixa remuneração e que servirão – quando os indivíduos possuem ao menos saúde – ao corte da cana como “bóias-frias” em períodos de safra; o que possivelmente poderia ser explicado pela “precarização” do trabalho.

Como destacou Mattoso (1999), por exemplo, essas afirmações só poderiam redundar no uso desse termo, visto que, precarização significa “[...] o processo de deterioração das relações de trabalho com a ampliação da desregulamentação, dos contratos temporários, de falsas cooperativas de trabalho, de contratos por empresa ou mesmo unilaterais.” (MATTOSO, 1999, p.8)

Em face dessas considerações, o que dizer de um trabalho degradante como aquele decorrente do corte da cana? A expressão precarização pode dar conta dessa realidade? Tais questionamentos estão longe da unanimidade... Apesar da indústria da cana gerar expressivo número de postos de trabalhos formais, esse tipo de vínculo tem gerado inúmeros debates em torno do trabalho insalubre, da violação das leis trabalhistas e dos baixos salários pagos a uma parcela da população, que apesar de inserir-se no circuito capitalista, é marginalizada, em grande medida, pelo poder público e pela sociedade.

Ainda no caminho analítico dos pequenos centros da região prudentina, há outro quadro de municípios a ser descrito, mas com maior expressividade econômica e que se beneficia enormemente dos empregos oferecidos pela cidade de Presidente Prudente como destacou Gomes (2001, 2002). Núcleos esses representados por municípios como Álvares Machado, Regente Feijó, Pirapozinho, Santo Anastácio e Martinópolis.

Tais centros são os que possuem maior percentual de pessoas cadastradas junto à Secretaria de Emprego e Relações de Trabalho (SERT) em Presidente Prudente. No total, tais cidades pequenas chegam a ocupar aproximadamente 16,69% do total de cadastrados da SERT, segundo Gomes (2001, 2002). Assim, essa mobilidade territorial mais do que um fluxo pendular diário, revela acima de tudo que:

A falta de emprego atinge não apenas a cidade de Presidente Prudente, mas também as cidades vizinhas, o que leva as pessoas a se deslocarem em busca de oportunidades de trabalho. O desemprego

tem papel fundamental na mobilidade territorial da força de trabalho, o que ficou bem claro na pesquisa realizada com as cidades de Álvares Machado, Pirapozinho e Regente Feijó. (GOMES, 2002, disponível em <<http://www.ub.es>>, acesso em nov. 2007).

Esta autora ainda pontua que esses municípios são extremamente dependentes de Presidente Prudente. Não que as demais cidades pequenas da região também não sejam, mas, o fato é que tais centros mantêm uma íntima relação com este município.

De fato, a mobilidade entre Presidente Prudente e os demais municípios do entorno se dá, entre outros fatores, pela proximidade geográfica entre esses e a cidade sede regional. A questão industrial se configura como uma das matrizes para que esse movimento venha ocorrer, já que as pessoas das cidades pequenas não buscam somente serviços e comércio em Presidente Prudente, mas também trabalho e “melhores” condições de vida e, em alguns pontos a malha urbana desses municípios tende a se encontrar, facilitando o fluxo entre esses centros.

A interpretação desse quadro permite constatar, então, que as variáveis que compõem o cenário regional são complexas e exigem, mormente, a atenção do pesquisador para que generalizações descabidas não venham ocorrer. Dessa forma, as particularidades e as singularidades das cidades pequenas confirmam que Presidente Prudente ao dominar o espaço regional configura também sua rede de articulações econômicas e, por fim, engendra a desigualdade e a subjugação de algumas cidades pequenas.

Isso não é diferente na perspectiva industrial, já que essa dimensão econômica da realidade igualmente é fruto da dinâmica da sociedade capitalista, apesar de ser controlada por poucos. Assim, foi com a consolidação da indústria na cidade sede regional que na década de 1940 possibilitou a Presidente Prudente concentrar expressivo fluxo populacional e, atualmente, apesar da indústria ser o segundo setor da economia que mais emprega na economia regional, a indústria ainda não perdeu seu papel no debate político e nem muito menos nas relações sociais e econômicas entre as cidades pequenas e Presidente Prudente.

3 Considerações Finais

A configuração do mapa da indústria no Oeste Paulista demonstra que as empresas ao produzirem transformações no espaço, acabam também colocando em jogo a própria articulação territorial da região que ao longo do tempo tem ganhado diferentes papéis econômicos. Entretanto, ressalvas têm de ser feitas em torno dessa afirmação, visto que a região apesar de ter desenvolvido diferentes papéis no circuito capitalista ao longo do tempo, desempenha desde o princípio um significado econômico periférico frente ao Estado de São Paulo.

Dessa forma, se as indústrias da região de Presidente Prudente podem demonstrar o arranjo da própria produção do espaço urbano, contribuindo para redefinições e transformações regionais. Tais articulações igualmente servem para que se possa compreendê-las à luz dos pressupostos da Geografia. Nesse sentido, a investigação só vem a corroborar para a compreensão das cidades pequenas do Oeste Paulista que se encontram distante geográfica, econômica e politicamente da capital paulista no Brasil.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. C. Geografia Rural: questões teórico-metodológicas e técnicas. Boletim de Geografia Teórica. v. 25, nº 49-50, Rio Claro, 1995.

CORRÊA, R. L. Globalização e Reestruturação da rede urbana – uma nota sobre as pequenas cidades. Revista Território. Rio de Janeiro: LAGET/UFRJ, v. 6, n. 6, p. 43-53, janeiro/junho de 1999.

DOLLFUS, O. O espaço geográfico. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

DUNDES, A. C. Industrialização e produção do espaço urbano: o caso e Presidente Prudente. 1992. 73f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP, Presidente Prudente.

_____. O processo de (des)industrialização e o discurso desenvolvimentista em Presidente Prudente – SP. 1998. 288 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

FREITAS, O. L. C. Capital e força de trabalho no setor secundário em Presidente Prudente, Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, v. 27, n. 1, p. 59-75, 2005.

FRESCA, T. M. Em defesa dos estudos das cidades pequenas no ensino da Geografia. Revista Geografia, Londrina: UEL vol. 10 nº 01, 2001. Disponível em <www.geo.uel.br/revista> . Acesso em 14/11/2006.

_____. A dinâmica funcional da rede urbana do oeste paulista. Estudo de casos: Osvaldo Cruz e Inúbia Paulista. 1990. 282 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFSC, Florianópolis.

GIL, I. C. Territorialidade e desenvolvimento contemporâneo. Revista NERA, ano 7, nº 4, Presidente Prudente, jan/jul. 2004. Disponível em: <<http://www.prudente.unesp.br/nera>> Acesso em: 15 dez. 2006.

_____. Nova Alta Paulista, 1930-2006: entre memórias e sonhos. Do desenvolvimento contido ao projeto político de desenvolvimento regional. 395 f. 2007. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia/Unesp, Presidente Prudente.

GOMES, M. T. S. A dinâmica do mercado de trabalho formal: uma análise do setor industrial em Presidente Prudente, SP. 2001. 236f. Tese (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia/Unesp, Presidente Prudente.

_____. As mudanças no mercado de trabalho e o desemprego em Presidente Prudente/SP - Brasil. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119 (32), 2002. [ISSN: 1138-9788]. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-32.htm>>, acesso em nov. 2007.

Informações referentes à Região de Presidente Prudente. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>. Acesso em 9 nov. 2006.

Informações referentes ao emprego na região de Presidente Prudente. Disponível em: <<http://www.emplo.sp.gov.br>>, acesso em jan. 2008.

Informações referentes ao fluxo médio diário de veículos na região de Presidente Prudente, 2006. Disponível em <<http://www.der.sp.gov.br>>, acesso em dez. 2007.

LENCIONI, S. Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. Espaço & Debates. São Paulo: NERU, n.38, 1994, p.54-61.

MATTOSO, J. E. L. A desordem do trabalho. São Paulo: Scritta, 1995.

_____. O Brasil desempregado. 2ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego. RAIS/CAGED 2005. Brasília: MTE, 2006. (1 cd rom).

PREFEITURAS MUNICIPAIS – Cadastro das estabelecimentos industriais existentes no município: 2006, 2007.

ROSALINO, L. F. Perfil econômico e mudanças na estrutura produtiva das cidades médias paulistas. 2007. 153 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP, Presidente Prudente.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SPOSITO, E. S. Território, logística e mundialização do capital. In _____(org). Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades. Presidente Prudente. UNESP/FCT: GAsPERR, 1999, p. 99-113.